

O Processo de escolarização dos diferentes gêneros textuais observado nas séries iniciais do ensino fundamental

CARDOSO, Elizandra K.S.; ROSSI, Maria A. L.

Palavras chaves – Escolarização – textos-leitura -ensino

Justificativa

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, documentos publicados pelo Ministério de Educação e Desporto (MEC, 1998), dentro da proposta de estabelecer diretrizes curriculares para o ensino Fundamental e servir de referência para o trabalho do professor, no que se refere ao ensino de língua portuguesa, procuram mudar o seu enfoque, tradicionalmente calcado na abordagem gramatical. Assim os PCNs colocam o texto no centro do processo de ensino aprendizagem da língua materna, enfatizando a necessidade de se trabalhar com os diferentes gêneros textuais que permeiam a comunicação humana, agrupando-os em função de sua circulação social, em gêneros literários, de imprensa, publicitários e de divulgação científica, considerando que o trabalho com os gêneros leva à inserção do aluno na cultura letrada e amplia sua competência lingüística e discursiva, levando a uma melhor compreensão da realidade.

Colocar esta proposta em prática implica numa modificação da concepção de linguagem que normalmente subjaz às práticas escolares e na necessidade de se distinguir conceitos como gêneros, textos e tipos de textos, além de se questionar a tese do primado do sistema sobre o funcionamento textual, e portanto do caráter de anterioridade do ensino de gramática em relação ao ensino textual (Bronckart, 2003).

O que se tem discutido no seio dos estudos da lingüística aplicada é que as propostas dos PCNs representam um avanço, na medida que procuram romper com um ensino voltado para uma descrição e memorização das estruturas da língua, entendida como um sistema fechado, estático e homogêneo, para um ensino que perceba a língua como o lugar da interação entre os sujeitos. Assim ensinar a língua significa trabalhar com os discursos e os textos que marcam as interações.

Dessa maneira, é importante perceber como o professor vem mobilizando as idéias colocadas pelos PCNs de Língua Portuguesa para atender às necessidades de sala de aula, principalmente no que se refere aos gêneros de textos que estão sendo considerados apropriados para o ensino de leitura e, mais ainda, como se dá a escolarização desses textos e a produção de sentidos dos mesmos. Se os sentidos de um texto derivam não só da sua materialidade, mas das relações que este mantém com quem o produz, com o leitor e com os outros textos com os quais intertextualiza, na sala de aula estes sentidos serão os mesmos? Uma vez transformado em objeto de estudo, um texto mantém as mesmas características sócio-comunicativas, que detinha antes de sua entrada na escola?

Portanto, é preciso perceber como o professor vem agindo diante das idéias colocadas pelos PCNs de Língua Portuguesa principalmente no que se refere aos gêneros de textos que estão sendo considerados apropriados para o ensino da leitura, e também como acontece a escolarização desses textos e a produção de sentidos dos mesmos.

Para isso faz-se necessário conhecer os textos que o professor leva para a sala de aula e as estratégias que utiliza para o processamento dos mesmos, procedimentos que ilustram o seu modo de conceber a leitura e o próprio texto como objeto de ensino. Nessa perspectiva estaremos percebendo também os objetos portadores de textos na sala de aula, e a influência destes no ensino da leitura e na construção de alunos leitores que saibam identificar os textos que circulam socialmente.

Segundo Geraldi (1993), instaurar atitudes produtivas nas práticas de leitura observadas na escola, que façam desse ato uma produção de sentidos, implica em diferentes maneiras de se perceber o texto. Ele lembra que podemos ir ao texto em busca de respostas para os questionamentos que temos, o que pode se chamar de leitura-busca-de informações. É o querer aprofundar-se mais em determinado assunto na tentativa de, talvez, compreendê-lo sobre diferentes pontos de vista. Pode se buscar informações, dialogar com o autor ou simplesmente desfrutá-lo.

Estas possibilidades de relações que se podem estabelecer com o texto, e que se multiplicam nas diferentes necessidades de interagir com a palavra escrita na nossa sociedade, exemplificam como são variadas as atitudes de leitura, que são determinadas principalmente pelos objetivos que nos movem a procurar os textos e pelos gêneros textuais nos quais estes se organizam e que vão nos guiar na construção de seus significados.

Baseado nestes estudos é que os PCNs de Língua Portuguesa vêm colocar como uma importante estratégia didática para a prática de leitura, o trabalho com a diversidade textual, num reconhecimento de que os textos, como produtos das atividades discursivas, estão em constante relação uns com os outros e se organizam dentro de um determinado gênero. Os gêneros vão se constituir em formas relativamente estáveis de enunciados que são caracterizados basicamente por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais.

Assim, o objetivo deste trabalho é investigar se a discussão levantada pelos PCNs tem se traduzido nas práticas escolares no que diz respeito ao trabalho com a diversidade de gêneros textuais. Para isso estariam sendo analisados os textos que dão suporte ao ensino da leitura na sala de aula, na busca de se perceber o gênero a que pertencem e as atividades de retextualização propostas. Nesta investigação também estariam sendo analisados os livros didáticos adotados, já que estes ainda são um dos principais instrumentos que rege as práticas de sala de aula, daí a necessidade de se conhecer a fundo esse material.

Segundo Marcuschi (2002), *"os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos."* Possuem uma diversidade que vem suscitando, desde a Antiguidade Grega, uma preocupação com sua delimitação ou nomeação, que são centrados, na maioria dos casos, na noção de gênero de texto.

Bronckart (2003) explica que, para Diomedes e Aristóteles, a noção de gênero aplicava-se apenas aos textos com valor social ou literário reconhecido. Foi a partir de Bakhtin que essa noção passou a ser progressivamente aplicada ao conjunto das produções verbais organizadas, seja escrito ou oral.

Todo texto pertence a um determinado gênero, com uma forma própria, que se pode aprender. Uma vez que todo texto está estruturado em um determinado gênero textual, o conhecimento da diversidade e do funcionamento dos gêneros é fundamental tanto para a produção quanto para a compreensão, já que a identificação do gênero de um texto é o ponto de partida para a sua compreensão. Essa identificação só será possível na medida em que o leitor adquira experiência de leitura e sabe o que buscar em cada texto lido.

Estudos apontando alternativas para se trabalhar com os gêneros na escola como o de Barbosa (2000) e Pompílio et al (2000) têm colocado que um ensino voltado para o trabalho com os gêneros textuais possibilita a elaboração de uma progressão curricular mais articulada.

Objetivos

Discutir como a proposta de ensino de Língua Materna apontada pelos PCNs vem sendo percebida pelas práticas escolares, principalmente no que se refere ao ensino da leitura.

Fazer um estudo sobre os gêneros textuais que são apropriados pela escola para o ensino da leitura e as transformações de ensino percebidas nos textos no processo de escolarização.

Perceber se nesse processo de escolarização o texto mantém as mesmas propriedades sócio- discursivas e as características de gênero que detinha originalmente, analisando inclusive os suportes de textos que são levados para a sala de aula.

Metodologia

Levantamento bibliográfico dos estudos de autores que, valendo-se das análises da lingüística textual , buscam compreender os gêneros textuais nos quais o discurso se realiza como Bakhtin e Bronckart, e dos estudos que procuram compreender as relações entre letramento social e letramento escolar.

A pesquisa tem um caráter qualitativo e se insere no paradigma interpretativo da pesquisa social sobre o trabalho com a linguagem. A principal estratégia metodológica será a entrevista semi-estruturada com os professores que trabalham com a língua portuguesa na 4ª série do ensino fundamental , a observação de aulas e análises de material utilizado para o trabalho com a leitura dos alunos, incluindo-se aí o livro didático. Nesse sentido, serão observados os gêneros textuais que são apropriados por estes para trabalhar a leitura, procurando perceber quais os gêneros mais presentes, e também o tratamento didático conferido a cada gênero.

Análise dos Dados

Após um levantamento bibliográfico do tema, a pesquisa encontra-se agora na fase de coleta de dados. Já foram feitas entrevistas com quatro professores da rede estadual de ensino que trabalham com a 4 série, coletados textos levados pelos professores para a sala de aula, e observadas aulas cujo foco seja o ensino da leitura. Nas entrevistas procurei verificar com os professores como trabalham a leitura com os alunos, qual material didático utilizado nas atividades, ou seja, se elas se apóiam apenas no livro didático, ou se utilizam se de outros textos retirados de outros suportes como revistas, jornais e outros. E, ainda, no caso de atividades com textos que não foram retirados do livro didático, como estes são apresentados aos alunos, e quais critérios que utilizam para escolher um texto que será levado para a sala de aula.

Pelas respostas dos professores pode-se perceber que nas atividades de leitura, todos seguem basicamente um mesmo roteiro: fazem primeira uma breve apresentação do tema ou assunto que será abordado no texto, em seguida os alunos fazem uma leitura silenciosa, ou oral. A partir daí, tem início a realização de exercícios de estudo do texto que são discutidos oralmente e depois respondidos por escrito no caderno, finalizando com a correção das respostas feitas pelo professor no quadro. Com relação ao material didático mais usado para se ensinar a leitura, os professores disseram em sua maioria trabalhar basicamente com o livro didático , por ser este o material disponível nas escolas. E neste trabalho se atêm apenas às atividades propostas pelo livro. Mas, mesmo se apoiando principalmente no livro didático, três dos professores entrevistados, ressaltaram que procuram levar outros textos para a sala de aula, que são apresentados para os alunos na forma mimeografada, xerocada, ou passados no quadro .Na escolha destes textos dois professores disseram se pautar por aqueles que contenham elementos que possibilitem o trabalho com a gramática, e os outros dois disseram recorrer a outros textos quando necessitam discutir temas relativos a datas comemorativas ou notícias do momento.

O que se pode perceber na fala dos professores é que o livro didático ainda é o principal instrumento de ensino do professor no ensino de língua portuguesa. Percebe-se que as escolas também não oferecem muitas alternativas de material de leitura como jornais e revistas, que quando recebem é apenas um exemplar para toda a instituição. Outro fato que merece ser destacado é a maneira uniforme e invariável de fazer a leitura de qualquer texto que segue sempre um roteiro pré-estabelecido com uma leitura silenciosa ou em voz alta do texto e depois os pontos a serem discutidos por meio de perguntas. Essa prática, segundo Kleiman (1998):

“Em vez de um discurso que é construído conjuntamente por professor e alunos, temos uma série de pontos a serem discutidos por meio de perguntas sobre o texto, que não levam em conta se o aluno de fato compreendeu. Trata-se na maioria dos casos, de um monólogo do professor para os alunos escutarem. Nesse monólogo o professor tipicamente transmite para os alunos uma versão que passa a ser a versão autorizada do texto.” (Kleiman:1998,24)

Após as entrevistas, passamos a observar as aulas dos professores que tivessem por objeto de estudo o trabalho de leitura com textos que ainda não haviam passado pelo processo de didatização. Em uma dessas aulas, a primeira professora observa, que denominaremos de professora A, trabalhou o texto “os meninos do engenho”, tratava-se de um texto retirado de um jornal antigo que estava na escola há algum tempo. Refere-se de uma reportagem sobre uma pesquisa que tinha como foco o trabalho infantil. Inicialmente a professora leu a reportagem para os alunos, comentando de forma genérica a existência de trabalho infantil no país. Em seguida passou o texto e atividades relativas a este, no quadro, para os alunos copiarem. Uma vez feita a cópia, os alunos fizeram a leitura em voz alta, e depois tiveram um tempo determinado para responder às questões de compreensão do mesmo. A primeira questão pedia para que os alunos dissessem, com base no texto lido, qual o nome da criança, idade, estado em que residia e tipo de trabalho que realizava. E a segunda, o motivo apontado pela pesquisa, para o atraso no estudo dessa criança. Em seguida eram solicitadas mais 8 questões, que pediam do aluno a sua posição frente ao tema do texto tais como:

-Na sua opinião, que medidas devem ser tomadas, para modificar a situação dessa criança?

-para você, quem deveria tomar atitudes que favoreçam essa criança?

-Você acha que a criança deve trabalhar? Que tipo de trabalho a criança pode realizar?

Assim se percebe que há inicialmente um apagamento da voz do texto e da necessidade de compreensão dessa voz, para se solicitar a opinião do aluno e também fazer com que ele retire algum conhecimento do que foi lido. Nesse processo se percebe o que Batista (2004) diz ser uma característica do processo de escolarização dos textos que devem dirigir e orientar “contendo valores, atitudes e comportamentos passíveis de ser utilizados como instrumento para formação e a educação da criança-leitora. Ler, desse modo, confunde-se com o aprender sobre a vida, sobre o país, sobre a leitura e os livros, sobre o que se deve ou não fazer, como se deve ser”. (Batista: 2004,29)

Conclusão

O que podemos perceber a partir de todos os textos recolhidos até o momento é que conforme diz Batista (2004), um texto muda a partir do momento em que muda o mundo social em que ele se introduz. Se isso é verdade, ao entrar na esfera escolar, um texto se altera e se transforma, recebendo, dessa configuração social em que é introduzido, os significados, as

funções, as marcas, enfim, dos conflitos das diferentes posições e das distintas tomadas de posição envolvidas no jogo que nessa configuração se joga. Assim, ao entrar na esfera escolar, um texto é reconstruído e perde e ganha traços que podem ser reveladores dos processos sociais que nessa esfera se realizam. Isso ocorre mesmo com textos do livro didático.

Referência Bibliográfica

- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **O Texto Escolar: uma história.** Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2004.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** 2 ED. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRONCKART, Jean Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sócio-discursivo.** São Paulo: Educ, 2003.
- DIONÍSIO, Ângela P., MACHADO, Anna R., BEZERRA, Maria A (Org). **Gêneros Textuais & Ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Texto: Teoria e Prática.** 6ª Edição. S. P. Campinas: Pontes, 1998.
- MARCUSCHI, Luiz A. **Da Fala Para a Escrita: Atividades de Retextualização.** São Paulo: Cortez, 2001